

Competência em informação em bibliotecas especializadas: uma análise do perfil do bibliotecário de biblioteca especializada em música

Maria Rita de Oliveira Araújo

1 Introdução

Refletir a respeito do exercício da Biblioteconomia na atual sociedade, nos permite pensar sobre a atuação, postura e habilidades do bibliotecário diante das demandas do mercado de trabalho. Dessa forma, sabemos que é necessário investir em conhecimento não apenas para a formação profissional, mas também em competências específicas que possam promover mudanças, visando que esses profissionais sejam reconhecidos como visionários capazes de transformar positivamente o mundo em que vivem.

A profissão bibliotecária vem passando por grandes transformações, ocorrendo “mudanças tanto em suas ferramentas de trabalho, quanto na diversificação das atividades que passou a desempenhar” (SILVA, 2005). Desta forma, é importante que os bibliotecários entendam o significado da aplicação de suas habilidades em todos os processos de uma biblioteca, e de seu impacto direto nos resultados de consulta e acesso ao acervo. Além disso, o bibliotecário deve conhecer os princípios, conceitos, métodos e técnicas a serem empregados nas unidades de informação.

A literatura, que trata do perfil do bibliotecário, aponta como positiva a inserção de novos aprendizados para a área em que esse profissional venha atuar, na perspectiva de identificar a necessidade da clientela e, especificamente, no âmbito das bibliotecas especializadas. Segundo Valentim (2002, p. 119) “o profissional deve ter consciência de suas limitações e, por outro lado, precisa buscar os conhecimentos ainda não adquiridos, visando à inovação qualitativa contínua de seus serviços e dos produtos criados, destinados a um determinado público.”

Diante do exposto, ressaltamos o desejo de realizar esta pesquisa ao interligar a Biblioteconomia a Música, mostrando uma das tantas habilidades que o bibliotecário pode desenvolver. O interesse desta pesquisadora pela música começou na adolescência. Com o passar do tempo houve uma intensificação e uma busca por um conhecimento mais aprofundado nesta área, o que fez surgir a motivação para escolha deste tema, conduzido por dois motivos: intimidade com a música; e a constatação de que pouco se escreve sobre este assunto, o que resultou em alguns momentos de dificuldades para a realização desta pesquisa.

Já a justificativa teórica para o desenvolvimento deste estudo, se concentra na essência da biblioteca, que é o seu público, os usuários. Eles esperam que a unidade de informação os atenda de maneira eficiente. Se isso ocorrer, o usuário se tornará um cliente cativo. Neste sentido, o conhecimento técnico em música para o bibliotecário, que trabalha diretamente com acervo musical, pode se tornar um grande aliado para o processamento técnico dentre outras atividades, além de modificar sua imagem perante sua comunidade acadêmica.

Entretanto, esse conhecimento pode não existir. Por isso, neste estudo partiu-se da seguinte **problematização**: os bibliotecários que trabalham em bibliotecas especializadas de música, não demonstram ter conhecimento básico ou técnico na área de música, e provavelmente, contam apenas com a experiência adquirida durante o curso de Biblioteconomia. Deste modo, elaborou-se a seguinte **questão de pesquisa**: a falta de conhecimento técnico em música e a falta de qualificação do profissional para o uso das ferramentas da informação musical levam à inoperância do processamento técnico numa Biblioteca Especializada de música?

Para responder a esta questão, estabeleceu-se como **objetivo geral**, identificar e descrever as competências do profissional bibliotecário que atua em bibliotecas especializadas em música, com vistas ao atendimento

satisfatório do usuário. Na perspectiva de cumprir o objetivo geral, tomou-se como **objetivos específicos**: apresentar os conceitos de biblioteca especializada em música; caracterizar a biblioteca especializada de música da Universidade Federal da Bahia; averiguar o perfil do bibliotecário moderno e do bibliotecário de biblioteca especializada de música.

2 Biblioteca especializada e biblioteca especializada de música

Nesta seção, apresentamos os conceitos de biblioteca especializada, em paralelo com o conceito de biblioteca especializada em música, assim como, o papel do profissional frente à organização de unidades especializadas em música.

Segundo Figueiredo (1979), as bibliotecas especializadas, começaram a surgir no começo do século XX, em resposta ao avanço crescente nas áreas da ciência e tecnologia. Este tipo de biblioteca destaca-se pelo acervo específico, que busca atender as solicitações dos usuários de uma determinada área. No que se refere ao acervo, que é o elemento principal, para diferenciar a biblioteca especializada das demais, Ashworth (1967, p.632) ressalta que “[...] a biblioteca especializada é uma biblioteca quase exclusivamente dedicada a publicações sobre um assunto ou sobre um grupo de assuntos em particular. Inclui também coleções de uma espécie particular de documentos.”

De acordo com Litton (1974), a biblioteca especializada é definida como aquela que possui uma coleção formada por obras de um tema específico ou que se limita a um grupo de temas afins. Nesta mesma linha de pensamento, Figueiredo (1978) defende que a biblioteca especializada funciona como um sistema de informação de um assunto ou um grupo de conhecimentos afins. Para Cezarino (1978, p. 238):

As bibliotecas especializadas são unidades pertencentes a instituições governamentais, particulares ou associações formalmente organizadas com o objetivo de fornecer ao usuário a informação relevante de que ele necessita, em um campo específico de assunto.

A biblioteca especializada comumente busca informações para fins imediatos e utilitários. Os especialistas recorrem a este tipo de biblioteca, quando já esgotaram suas buscas informacionais, que não são geralmente

relativas à informação altamente especializada. Conforme Volpato (2000), ela é uma solucionadora de problemas científicos, tecnológicos, sociais, entre outros. Por isso, Volpato (2000, p. 41) esclarece que:

é imperioso que a biblioteca especializada se mantenha em constante modernização, visando identificar, definir, coletar, armazenar, processar, proteger e distribuir a informação necessária, sem se limitar aos suportes e lançando mão de canais, que sejam formais e informais, e atuando como verdadeira e indispensável provedora de informações. A tecnologia da informação, neste contexto é a ferramenta indispensável para alicerçar o processo informativo e a consecução das funções da Biblioteca Especializada.

Na visão de Lopes (1977), a biblioteca especializada tem ainda a função de investimento educacional, cultural e social, o qual é um importante fator para a motivação individual do usuário. Por isso, o acervo de cada biblioteca deve ser formado conforme as necessidades informacionais do seu público. Em uma biblioteca infantil é preciso que suas atividades (interativas) e livros ajudem a incentivar a leitura.

Já uma biblioteca especializada em música é aquela que, guarda e dissemina a informação para o usuário através de livros e periódicos da área, além de: partituras, CDs, DVDs, discos de vinil, LDs, entre outros materiais capazes de atender a demanda de todos que buscam informação neste tipo de biblioteca. Sendo assim, vale enfatizar, que somente a composição do acervo não é o mais importante numa biblioteca, mas sim o seu usuário, suas demandas. Neste sentido, Ferreira (1996) explica que:

Quanto aos usuários, esta nova abordagem concebe os indivíduos como pessoas com necessidades cognitivas, afetivas e fisiológicas fundamentais próprias que operam dentro de esquemas que são partes de um ambiente com restrições socio-culturais, políticas e econômicas. Essas necessidades próprias, os esquemas e o ambiente formam a base do contexto do comportamento de busca de informação.

Assim, toda atividade de informação deve está direcionada ao usuário, cabendo às bibliotecas especializadas satisfazer estas necessidades. Por isso, o acervo deve estar bem representado, desenvolvido e organizado. Todas as etapas do processamento técnico caminham juntas para que o usuário tenha acesso à informação na sua forma mais completa.

Geralmente o público que mais frequenta este tipo de biblioteca é formado por alunos, profissionais, professores e pesquisadores de música e todos aqueles que se interessam pelo assunto. Dessa forma, se faz necessário que este tipo de biblioteca esteja em contato com outras bibliotecas de música. Essa comunicação é importante para que mantenham um frescor em seu acervo, intensificando a ideia de um organismo ativo permitindo um movimento constante de informações atuais que cheguem até ela, pois,

a organização de acervos musicais contribui para o desenvolvimento de pesquisas em Música (como a musicologia, das técnicas de composição, instrumentação, dentre outras), visto que objetiva deixar organizada e acessível uma gama de registros sonoros e partituras. Tanto na perspectiva cultural e social quanto na perspectiva científica da música, os acervos musicais têm sua relevância assegurada pela demanda de usuários provindos de diferentes contextos. (BARROS, 2012 p. 17).

A biblioteca especializada em música, possivelmente muito mais do que outros tipos de biblioteca, depende da tecnologia da comunicação e informação, e de todos os adventos que possam contribuir para que o seu papel seja desempenhado com qualidade e celeridade, pois como esclarece Araújo (2008, p. 35), “[...] a importância desse tipo de acervo [musical] passa a ser capital não apenas para a pesquisa, mas também como centros de referência para um estudo de tradições culturais mais amplas.”

Um exemplo de biblioteca especializada em música é a da Escola de Música (Emus), da Universidade Federal da Bahia.

A escola foi fundada na gestão do Reitor Edgar Santos, a partir de ideais que buscavam canalizar o potencial artístico da nossa terra. Ao longo dos seus 40 anos, a Escola de Música tem se esforçado em criar meios para melhor capacitar o profissional que está sendo formado pela nossa Unidade. O grau de abrangência dos programas oferecidos e o grau de excelência do nosso corpo docente nos colocam entre os centros de melhor qualificação no País. A escola tem recebido o reconhecimento em diversas instâncias; sendo identificada por consultores internacionais, durante a década de 80, como sendo um dos poucos centros brasileiros capazes de desenvolver estudos de pós-graduação. (ESCOLA DE MÚSICA, 2014).

O processo de criação do setor universitário de música teve início com os Seminários Internacionais de Música, inaugurados em 15 de ou-

tubro de 1954, criados como atividade permanente da UFBA, e também como ações que davam forma definitiva a uma escola de música de nível superior, sistematizada em objetivos que remontavam ao último decênio dos anos 40. A Biblioteca foi sendo construída à medida que os cursos foram sendo implantados, possui um acervo considerável composto de livros, periódicos, partituras, discos vinil, CDs, alguns DVDs.

4 Tratamento técnico do acervo musical

O tratamento técnico dentro das unidades de informação tem a finalidade de condensação da informação a fim de sua recuperação. Segundo Dias (2001), nos sistemas de informação e de recuperação da informação, o tratamento da informação é definido como a função de descrever os documentos, tanto do ponto de vista físico (características físicas dos documentos) quanto do ponto de vista temático (ou de descrição do conteúdo). Ainda de acordo com este autor,

Essa atividade resulta na produção de representações documentais (fichas de catálogo, referências bibliográficas, resumos, termos de indexação etc) que não apenas se constituem de unidades mais fáceis de manipular num sistema de recuperação da informação (comparado ao documento em sua íntegra), como também representam sínteses que tornam mais fácil a avaliação do usuário quanto à relevância que o documento integral possa ter para as suas necessidades de informação. Para que isso possa ser feito, outras atividades são necessárias, muitas vezes desenvolvidas fora do âmbito dos sistemas de informação e de recuperação da informação. É o caso da criação/manutenção de linguagens e códigos, como as linguagens de indexação (listas de cabeçalhos de assuntos, sistemas de classificação, thesauri) e os códigos de catalogação.

É justamente a catalogação que escolhemos nesse contexto para darmos ênfase, com foco nas normas do Código de Catalogação Anglo-Americano - 2ª edição (AACR2), assim como, alguns tipos de catalogação mais utilizados na área de música. Vale ressaltar que este trabalho não tem por objetivo analisar ou se aprofundar em catalogação, por isso sua menção é sucinta.

A Biblioteconomia utiliza diversos procedimentos de organização da informação, dentre estes, a catalogação se sobressai como uma das técnicas fundamentais no que compete à maneira de organizar e recuperar as infor-

mações de uma unidade. Segundo Mey (1995, p. 6) “[...] a riqueza da catalogação repousa nos relacionamentos entre os itens, estabelecidos de forma a criar alternativas de escolha para os usuários”.

De acordo com Varela e Barbosa (2007 p. 122), o processamento da informação, com foco no conteúdo, é a técnica documental que vai permitir o direcionamento da informação para o usuário. Guinchat e Menou (1994, p. 122) afirmam que,

o objetivo não é dar a conhecer o documento, mas permitir a utilização das informações que ele contém baseadas nas necessidades dos usuários, no assunto tratado, nos meios da unidade de informação, nos produtos e serviços fornecidos e na relação custo-eficácia.

A catalogação vem se mostrando como uma das ferramentas mais importantes para o compartilhamento de recursos, e que hoje é possível com o uso das inúmeras inovações tecnológicas que já estão à nossa disposição. (MACHADO, ROCHA; COUTO, 2007). Seguem algumas definições de catalogação:

A catalogação é a etapa de representação da informação em que são extraídas do objeto informacional dados a respeito do título, edição, autor(es), tradutor(es), informações de publicação (local de publicação, nome da editora, data), descrição física (apresentação, volumes), coleção, entre outras. O processo de catalogação está vinculado principalmente à representação de informações que estão declaradas no próprio documento, dessa forma, é necessário que o catalogador tenha conhecimento da estrutura do material que está sendo analisado, para que essas informações sejam identificadas. (BARROS, 2012, p. 26).

A catalogação é para Mey (1995, p. 5), um estudo, preparação e organização “de mensagens codificadas, com base em itens existentes ou passíveis de inclusão em um ou vários acervos, de forma a permitir interseção entre as mensagens contidas nos itens e as mensagens internas dos usuários.” A catalogação consiste, conforme Cruz (1994, p.87), em uma técnica que estuda a forma de registro da unidade documentária. “Por unidade documentária compreende-se o documento bibliográfico (livro, folheto, tese, patente, periódico etc.) e não bibliográfica ou especial (mapa, filme, dispositivo, disco fita gravada, micro forma etc.)”

Santos e Ribeiro (2003, p. 26) entendem a catalogação como:

um conjunto convencional de informações determinadas, a partir do exame de um documento onde são extraídas as informações descritas de acordo com regras fixas para se identificar e descrever este documento. A catalogação é conhecida também como Representação Descritiva, pois vai fornecer uma descrição única e precisa deste documento, servindo também para estabelecer as entradas de autor e prover informação bibliográfica adequada para identificar uma obra.

Sendo assim, catalogação e a indexação são os meios pelos quais a informação é tratada a fim de sua recuperação. Neste contexto, entendemos como necessário apresentar as normas e regras usadas para a catalogação de documentos musicais.

O Código de Catalogação Anglo-Americano - 2ª edição (AACR2), será detalhado na próxima seção, reservada para a descrição de música impressa, com um número muito grande de regras específicas para este tipo de documentação

A Norma Internacional de Descrição Bibliográfica para Música Impressa ISND(PM) é, como explica Assunção (2005, p. 64) uma das várias normas internacionais de descrição bibliográfica, das quais a primeira foi destinada à descrição de monografias - ISBD(M). Conforme o autor, ela visa descrever os documentos impressos - partituras de qualquer tipo e partes cavas, os quais se destinam à execução - e ainda os métodos, os estudos, os exercícios as edições fac-similadas de manuscritos musicais. Assunção ainda explica que “esta norma não foi concebida para a descrição de manuscritos não obstante poder ser adaptada a essa função.” Também não abrangem tratados de teoria musical, “manuais de solfejo e harmonia, manuais de autoaprendizagem, manuais escolares da disciplina de música e livros sobre música em geral. Estes devem ser descritos com o auxílio de norma para monografia.”

Répertoire International des Sources Musicales (RISM) é destinado à identificação de manuscritos musicais, e conforme Assunção (2005, 64), “estas regras foram concebidas por investigadores para a inventariação de fontes musicais não tendo propriamente a função de catalogação.”

Não existe um formato *Universal Machine Readable Cataloguing* (Unimarc) para música, mas esse formato, segundo Assunção (2007, p. 67) abrange a descrição de todas as tipologias documentais. “No entanto, exis-

tem orientações específicas para a aplicação do formato Unimarc à descrição de documentos musicais.”

4.1 Novas tecnologias e sua influência no tratamento de documentos musicais

O desenvolvimento tecnológico na área de informação determinou a criação de diversos serviços e formatos para tratamento e utilização das informações. Na maioria das bibliotecas e centros de documentação, encontra-se informatizada parte das rotinas, serviços e atividades de gerenciamento. O tema tecnologia vem despertando interesse em todas as áreas do conhecimento humano, gerando um crescente número de pesquisas científicas referentes à inserção de recursos tecnológicos em contextos variados. (LEME; BELLOCHIO, 2007). A evolução das Tecnologias de Informação e Comunicação permitiu um arcabouço de funções que visam à interatividade entre usuários e a hipertextualidade.

Dessa forma, a web 2.0 provocou mudanças radicais no acesso e uso da internet, principalmente no que tange o papel do usuário, que deixa de ser um simples receptor (web 1.0) para ser um emissor e também difusor da informação. O termo, criado por Tim O’Reilly (2005), reforça o conceito da internet como plataforma onde são compartilhados todos os dispositivos conectados. Segundo Catarino e Baptista (2007), os seus usuários colaboram efetivamente através da disponibilização de serviços virtuais e compartilhamento dos conteúdos.

Refletindo sobre este assunto, Miranda, Leite e Suaiden (2007/2008) denotam que as transformações sociais e o advento da tecnologia promoveram a transformação dos próprios princípios da biblioteca. Eles destacam o objetivo introduzido pelas bibliotecas híbridas, qual seja o de intensificar a acessibilidade documentária em rede, para isto estas bibliotecas ancoram seus serviços na aplicação das TIC, quer na realização dos processos-meio, quer na concretização de suas atividades finalísticas, agora mais facilitadas pelas ferramentas da web 2.0.

O desenvolvimento das (então denominadas) novas tecnologias da informação permitiu a montagem de complexos bancos de dados, a diversidade fantástica de novos suportes informacionais (da microficha aos repositórios digitais dos nossos dias), além do surgimento da *web* e da Internet, que mudariam completamente os paradigmas da formação e desenvolvimen-

to de acervos. Também transformaram as instituições devotadas à seleção, aquisição, organização, difusão e preservação de uma agora inimaginável quantidade de conteúdos de informação de todo o tipo em línguas, níveis de leitura e em formatos convencionais e multimídia, de forma hipertextual e instantânea. (MIRANDA; LEITE; SUAIDEN, 2007/2008).

De fato, a absorção das tecnologias de informação pelas bibliotecas, que se tornou mais evidente a partir da migração dos catálogos em ficha para os bancos de dados eletrônicos e sua disponibilização por meio dos catálogos online, conhecidos por *Online Public Access Catalog* (Opac), primeiras ferramentas a permitir a consulta remota ao acervo da biblioteca, abriu o caminho para transformações no processo de comunicação e disseminação da informação, cujos limites estão à mercê da tecnologia.

Diante deste emaranhado de recursos e ferramentas informacionais e das constantes inovações aportadas pelas TIC, a recuperação da informação da música é um tema de pesquisa que cresceu recentemente com a explosão do interesse em coleções em rede – composta por obras musicais na forma digital – precipitadas pelo desenvolvimento de tecnologias de compressão de áudio como MP3, serviço online de sistema P2P (*peer-to-peer*) e custos decrescentes do armazenamento digital e da conexão banda-larga. As redes sociais de compartilhamento de música P2P correspondem a uma tecnologia recente, mas logo se tornaram mais eficiente para acessar obras registradas ou publicadas do que o acesso a bibliotecas ou a lojas de música (físicas ou virtuais). (SANTINI; SOUZA, 2007)

A internet se tornou um novo espaço para a realização musical e segundo Iazzetta e Kon (1998), por essa razão é de se esperar que surjam novas ferramentas e procedimentos para se lidar com o aspecto temporal da música de modo a atender as peculiaridades impostas pelas redes de computadores. Conforme os autores, assim, como qualquer outra área do conhecimento humano, também a música prolifera na internet. Inicialmente, devido a restrições técnicas, não se podia difundir música na rede digital, mas podia-se falar sobre ela. Teoria, crítica, história, biografias, bibliografias, técnica, crônica, e discussões relacionadas aos mais diversos aspectos da música podem ser encontrados por meio de poderosas ferramentas de busca de dados e informações que podem ser localizadas a partir de uma simples palavra-chave.

A disseminação das redes digitais representadas pela internet e seus diversos protocolos, como explicam Izzaeta e Kon (1998), não se limita a ampliar a quantidade de informação a que os indivíduos têm acesso ou facilidade com que se pode estabelecer comunicação entre locais distantes. Antes, a internet interfere na organização espaço-temporal, na maneira como se organiza nossa cultura e no modo como produzimos os signos com os quais povoamos o mundo. Subestimar sua importância, ou limitá-la a seus aspectos mais técnicos significa não compreender as modificações que se operam no seio de nossa cultura e seus reflexos no estabelecimento de nossos valores éticos e estéticos.

4.2 Bibliotecas digitais de música

As Bibliotecas digitais vêm se destacando pela capacidade de agregar valor aos serviços fornecidos pelas bibliotecas físicas (não virtuais). Segundo Cruz (2008, p. 84), de acordo com a definição provida pela ARL, uma biblioteca digital é uma entidade que possui as seguintes características:

(i) serve a vários usuários; (ii) é dirigida à tecnologia; (iii) é interligada com outras bibliotecas; (iv) é universalmente acessível; (v) não é limitada à digitalização de objetos impressos existentes; e (vi) pode ser provida de conteúdo multimídia que existam apenas em um ambiente digital. Por sua vez, bibliotecas de música não são apenas bibliotecas com conteúdo musical, mas entidades que têm uma variedade de propósitos e funções, dentre elas: (i) preservar objetos musicais; (ii) implantar melhorias na acessibilidade de materiais musicais; (iii) integrar vários formatos musicais numa única coleção; e (iv) prover ferramentas de educação musical.

Os objetos comportados em bibliotecas digitais representam artefatos que podem ou não terem sido captados do mundo real. De acordo com Cruz (2008), há modelos estabelecidos para a definição desses artefatos. Para Arms (2000, p. 143), uma biblioteca digital é tão boa quanto assim for a sua interface, pois ela melhora a “comunicação e reduz o esforço necessário para compreender a organização estrutural e espacial dos conteúdos, localizar objetos digitais específicos no sistema e nas telas, além de proporcionar uma navegação fácil.” Para visualizar algumas interfaces segue abaixo *printscreens* de alguns sites de bibliotecas digitais de música (Figuras 1 a 4).

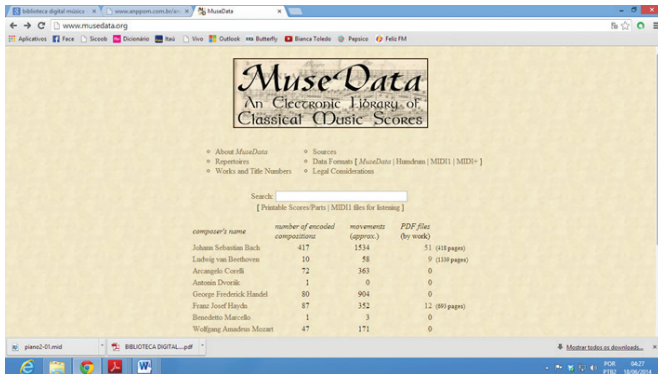


Figura 1 – Interface do Muse Data – an eletronic library of classical music scores. Fonte: www.musedata.org



Figura 2 – Interface do Themefinder. Fonte: www.themefinder.org

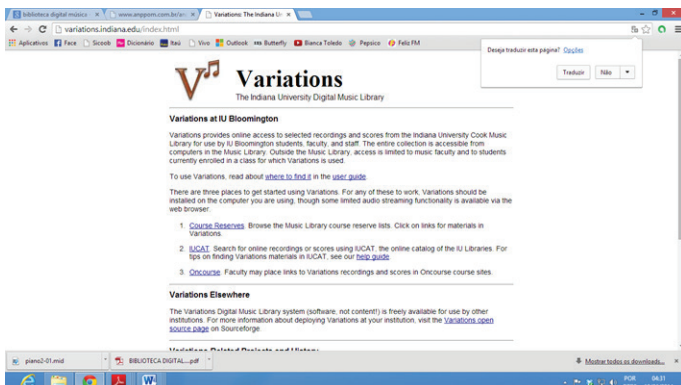


Figura 3 – Interface da Indiana University Digital Music Library. Fonte: www-variations.indiana.edu



Figura 4 – Interface do Instituto de Artes da UnB. Fonte: www.ida.unb.br

Como visualizamos acima, no âmbito da Ciência da Informação surgiram as bibliotecas digitais de música que, conforme Castro e Cruz (2006), visam tratar a música “como informação (e não apenas como expressão de arte) passível de ser preservada, armazenada, representada, catalogada e disponibilizada de maneira similar ao que já ocorre com as informações textuais.” Isso ocorre por que a música é universal, está presente em todas as classes sociais e culturais, a sua forma de recuperação e reprodução tem crescido, isto, graças ao avanço tecnológico.

No campo tecnológico, é possível perceber que a reprodução e disseminação de músicas ganharam em escala e qualidade, passando das mídias analógicas (discos de vinil e fitas cassete) para mídias digitais como os Discos Compactos (ou CDs). Além disso, as TIC - Tecnologias de Comunicação e Informação – promoveram avanços na tecnologia subjacente e na infraestrutura de rede, possibilitando um maior interesse do público (incluindo-se aqui a comunidade científica) pela recuperação musical, face aos recursos de softwares musicais e de bases de conteúdos musicais digitais disponibilizados pela Internet. (CASTRO; CRUZ, 2006, p. 375).

Segundo os autores, nessa investida, o grande problema é identificar quais os atributos importantes de uma música e como tratá-la como informação. A evolução tecnológica proporcionou, como explicam Castro e Cruz (2006, p. 376), que a “música se desvinculasse do suporte informacional para assumir diversas representações aceitáveis, como um arquivo de áudio ou mesmo uma partitura eletrônica, podendo inclusive ser recuperada

a partir de atributos internos.” Os autores ainda esclarecem que dessa forma, música não é mais:

um bloco indivisível e com um formato único com metadados associados, mas sim algo que possui diferentes representações incluindo estratégias para indexação e recuperação pelo próprio conteúdo interno da música. Dentre as inovações possíveis com essa nova abordagem é possível citar algumas: (i) a recuperação de músicas tendo como parâmetro de entrada uma melodia cantada pelo próprio usuário numa interface de áudio, (ii) a identificação do título de uma música a partir das frases musicais presentes na obra musical, ou a (iii) a identificação de padrões musicológicos entre músicas de diferentes épocas, por exemplo. (CASTRO; CRUZ, 2006, p. 376).

O estado da arte das bibliotecas digitais de música procura trabalhar bases compostas por um ou mais dos seguintes tipos de informações musicais: as informações desestruturadas, como as descritas em formato MP3 e WAV; as informações semiestruturadas como as descritas em formato MIDI; as informações musicais estruturadas como as descritas em partituras no formato *Common Music Notation* (CMN) e as músicas descritas em formato texto e cifradas. (CASTRO; CRUZ, 2006). Por isso, para atuar nessa área das bibliotecas digitais de música o bibliotecário precisa desenvolver determinadas competências.

5 Competência profissional e competência informacional

Antes de discutirmos sobre competência profissional é necessário saber ou entender o que significa competência, que segundo Fleury e Fleury (2001, p. 21), é um saber agir responsável e reconhecido, “que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos, habilidades, que agreguem valor econômico à organização e valor social ao indivíduo.” Os atributos principais da competência são, conforme Zarifian (2001), iniciativa, responsabilidade, inteligência prática, conhecimentos adquiridos, transformação, diversidade, mobilização dos atores e compartilhamento.

Segundo Brandão (1999, p. 28), competência profissional “é a que está relacionada a indivíduos ou equipes de trabalho, integrando aspectos técnicos, cognitivos, sociais e afetivos relacionados ao trabalho.” Para Costa (2007), a competência profissional deve ir além de responder ao trabalho

estabelecido, ela deve atender as imprevisibilidades típicas de um ambiente de trabalho, permitindo ao sujeito demonstrar comportamento adequado frente à adversidade.

A importância da competência profissional é frequentemente associada a períodos de crise da atividade econômica (IRIGOIN; VARGAS, 2002). Também assim acontece com o processo de globalização e com os fenômenos de transformação da atividade produtiva, em consequência do contínuo desenvolvimento das tecnologias de informação e da automação que lhe está normalmente associada. (SAMPAIO; MUNIZ, 2007, p.4).

A definição de competência em informação é dada pela *American Library Association* (ALA, 1989, p. 1) em seu *Report of the Presidential Committee on information literacy: Final report*:

Para ser competente em informação a pessoa deve ser capaz de reconhecer quando precisa de informação e possuir habilidade para localizar, avaliar e usar efetivamente a informação. Para produzir esse tipo de cidadania é necessário que escolas e faculdades compreendam o conceito de competência informacional e o integrem em seus programas de ensino e que desempenhem um papel de liderança preparando indivíduos e instituições para aproveitarem as oportunidades inerentes à sociedade da informação. Em última análise, pessoas que têm competência informacional são aquelas que aprenderam a aprender. Essas pessoas sabem como aprender porque sabem como a informação está organizada, como encontrar informação e como usar informação, de tal forma que outros possam aprender com elas.

A expressão “competência informacional” surgiu a partir a tradução do termo em inglês *information literacy*, e apareceu pela primeira vez na literatura no ano de 1974, no relatório (*The information service environment relationships and priorities*) do bibliotecário Paul Zurkowisk, presidente da *Information Industry Association* (IIA). (LEITÃO, p. 26, 2016). Para Zurkowisk (1974, p. 06)

Uma pessoa competente em informação são pessoas treinadas para o uso de fontes de informação no seu trabalho. Elas devem aprender técnicas e desenvolver habilidades para lidar com as possibilidades das ferramentas informacionais, bem como o uso de fontes primárias, a fim de encontrar informações para resoluções dos problemas.

Competência profissional pode ser descrita globalmente fazendo-se referência a uma atividade ou profissão segundo Meghnagi (1998, p.54):

mas tal condição não parece ser suficiente para dar conta de um determinado trabalho se não se considerem as margens efetiva de autonomia e inovação que permite, a forma como é possível desenvolvê-lo, os modelos de gestão e a divisão das tarefas existentes no contexto organizativo a partir do qual se explica.

Para Varela e Barbosa (2007, p. 124), o core curriculum para a formação de profissionais da informação objetiva:

em sua essência, criar competências que levem o profissional a recuperar a informação útil para transferi-la para quem a busca. Para completar este caminho crítico que vai de uma ponta a outra do processo, no entanto, não basta apenas preparar o profissional para usar os instrumentos técnicos, tais como códigos, tabelas de classificação, vocabulários controlados etc. Há que se observarem os fatores inerentes à natureza da informação, tal como origem, fonte, disponibilidade, restrição de uso, dispersão etc.; as circunstâncias relativas ao contexto socioeconômico, tais como, tempo, espaço e comportamento do ambiente e do mercado etc; e por fim, a singularidade do sujeito, que está relacionada com a cultura da sociedade e com a visão de mundo e aspirações deste sujeito.

Sendo assim, as competências profissionais são obtidas ao longo de nossa prática profissional, são relacionadas diretamente ao contexto em que estamos inseridos e devem ser buscadas através de qualificações contínuas por parte do bibliotecário, que deve também ter o bom senso para captar quais são as competências necessárias à realização de seu trabalho na organização em que está ou na que for se inserir. Neste sentido Sampaio e Moniz (2007 p. 07) afirmam que “competência profissional decorre da sinergia que se estabelece entre o indivíduo e a situação de trabalho, numa perspectiva de interação sistêmica de natureza cibernética.” Conforme os autores, um trabalhador competente é aquele que se preocupa com o impacto das suas ações para além da “dimensão estrita da função desempenhada ou do posto de trabalho, dessa forma assumindo uma postura de responsabilização e envolvimento global, nos objetivos e estratégias do grupo em que se insere.”

6 Procedimentos metodológicos

A abordagem seguida por essa pesquisa é de cunho qualitativo, pois esse é o tipo de enfoque que aproxima o pesquisador do objeto pesquisa. Para fundamentar a pesquisa e compreender melhor o objeto de estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Procuramos refletir sobre os textos selecionados, visando construir o referencial teórico deste estudo, uma etapa básica para o desenvolvimento do conhecimento sobre diversos ângulos do assunto em pauta e para o aprofundamento da pesquisa.

Além disso, procedemos com a observação direta dos acervos da Biblioteca da Escola de Música da UFBA, com a finalidade de coletar dados para identificar as ferramentas utilizadas para recuperação da informação, assim como, averiguar a capacitação técnica dos profissionais na área de música.

7 Apresentação e discussão dos resultados

Antes de analisarmos o perfil esperado do bibliotecário de música é importante, dissertarmos primeiramente a respeito do perfil do novo bibliotecário, diante da evolução científica e tecnológica que ocorre no mundo a cada instante.

Esse avanço tecnológico observado nas últimas décadas tem causado grandes mudanças nas diversas áreas do conhecimento, em consequência disto, o perfil do profissional da informação vem passando por transformações para se adequar a este novo momento. Segundo Silveira (2008):

Construir um novo perfil de atuação para os bibliotecários e inseri-los no rol das atividades que impulsionam o moderno mercado da informação exigiu repensar os atributos que por longa data definiram o saber biblioteconômico. Para tanto, tornou-se necessário converter uma área que se preocupava apenas em satisfazer às necessidades espirituais do homem através do exercício de preservação, organização e disseminação do escrito em uma profissão que participa ativamente de todas as facetas do circuito de produção informacional.

Neste sentido, e dirigindo para um panorama em contínua evolução histórica, destacamos, com base na visão de Müller (1989, p. 63-64), que discutir perfil profissional do bibliotecário hoje é discutir a função profissional no atual contexto social, que exige que a prática profissional se modifique

para atender expectativas novas e diversificadas que emergem da sociedade. “Tornam-se necessárias novas competências e atitudes e isto é indissociável da questão da formação profissional, pois os traços almejados para compor o perfil fornecem as diretrizes para o estabelecimento das necessidades básicas de aprendizagem.”

Assim, ao fazer parte de um contexto onde a informação adquire força capaz de interferir na construção dos diversos contextos, o moderno profissional da informação passa a ser identificado como:

Todos aqueles que estão vinculados, profissional e intensivamente, a qualquer etapa do ciclo vital da informação e, portanto, devendo ser capaz de operar eficiente e eficazmente todas as etapas relativas ao manejo da informação em organizações de qualquer tipo ou em unidades especializadas de informação. (PONJUAN DANTE, 2000, p.93).

Nesta linha de pensamento, Silveira (2008) diz que o moderno profissional da informação deve incorporar em seu fazer os inúmeros procedimentos administrativos que configuram as etapas de produção, captação, preservação e disseminação da informação, bem como conjugar de maneira fluida o exercício das rotinas tradicionais de uma biblioteca com o uso crescente das novas tecnologias informacionais.

Trabalhar em uma biblioteca especializada exige do bibliotecário, não apenas as aptidões desta profissão, mas também conhecimentos específicos para aquela área de atuação escolhida. Segundo Silva (2005, p. 133), para trabalhar com esta especialidade, primeiramente “[...] o bibliotecário deve gostar de música e ter sólidos conhecimentos sobre a história e o repertório dos principais cantores e grupos musicais nacionais e internacionais, além de conhecer os principais estilos musicais.”

Espera-se que o bibliotecário, que trabalha numa biblioteca musical, tenha conhecimento tanto da história, quanto dos materiais de música ali disponibilizados (partituras, cantores, grupos musicais nacionais e internacionais, estilos musicais, etc). Por isso, é importante essa familiaridade do profissional com a música para que facilite o seu fazer, até mesmo no momento da aquisição e materiais. Na visão de Silva (2005, p. 133):

Existem ainda habilidades essenciais ao bibliotecário que trabalha ou deseja trabalhar com o acervo sobre música, como a capacidade para relacionar-se com fornecedores, sabendo ex-

pressar com precisão as necessidades dos seus usuários e obter condições favoráveis para o uso dessas aquisições na unidade de informação onde serão incorporadas ao acervo, como por exemplo, a implementação de softwares, aquisição de coleções completas de CDs e Coletâneas de livros ou periódicos sobre música; Saber tirar proveito de ofertas para a aquisição de CDs em lojas, tanto em visitas em lojas ou feiras, quanto em lojas virtuais.

Segundo Assunção (2005), em um contexto de uma biblioteca especializada, o bibliotecário tem de se confrontar com conhecimentos específicos da área temática da biblioteca. Se não os dominar, terá, pelo menos, de ser familiarizado, e para isso, deve se esforçar e se dedicar, procurando desenvolver habilidades próprias para seu fazer profissional.

A figura 5 apresenta uma possível trajetória que pode ser seguida para os bibliotecários que desejam atuar ou que já atuam em bibliotecas especializadas em música.

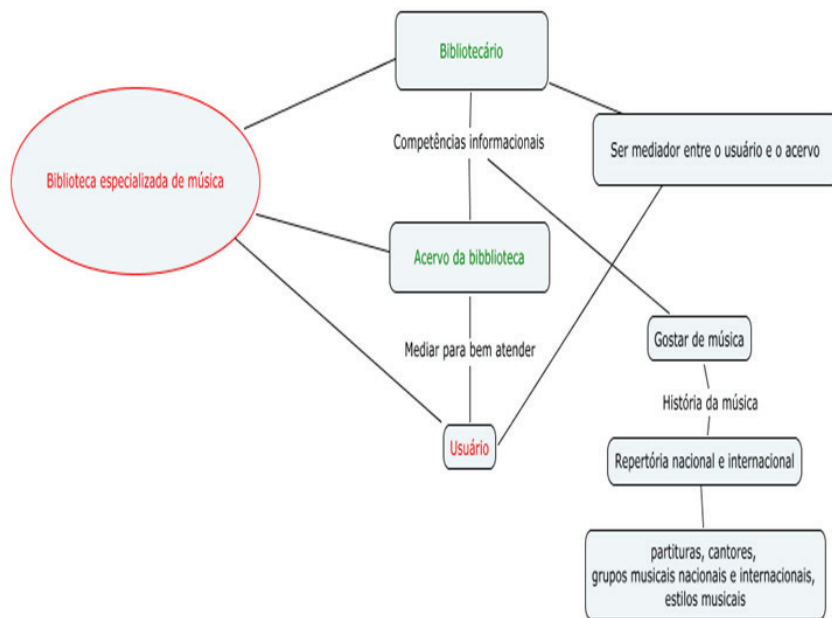


Figura 5 – Percurso do bibliotecário de música. Fonte: Dados da pesquisa, 2014

Essa figura nos leva a refletir sobre a questão de pesquisa, pois sem os conhecimentos técnicos em música, ou seja, sem a qualificação do profissional para o uso das ferramentas da informação musical ocorrerá à inoperância do processamento técnico numa Biblioteca Especializada de música, e os usuários sempre serão prejudicados. Daí a necessidade premente de conscientização desses profissionais, de caminharem em direção à aquisição das competências necessárias, como as acima citadas.

8 Considerações finais

Em uma sociedade cada vez mais globalizada, informatizada e tecnológica, os problemas surgem de forma instantânea e as soluções devem caminhar no mesmo ritmo, pois as transformações são contínuas. Os desafios dos profissionais da informação vão além das funções tradicionais, demandam determinadas competências, principalmente para aqueles que desejam atuar em bibliotecas especializadas, nas quais as necessidades dos usuários requerem conhecimentos específicos de quem os atendem.

O atual panorama, entretanto, demonstra que há falhas quando a aquisição e emprego destas competências na realidade das bibliotecas especializadas. Segundo Ferreira (2001), pesquisas apontam que a escola e a biblioteca têm falhado em sua função de formar leitores, falhando pela ausência de atualização desses profissionais na área da leitura, pela falta de um acervo de livros compatível com as necessidades, interesses, expectativas de seus leitores e pela ausência de propostas pedagógicas mais eficientes, dinâmicas e atualizadas para as mudanças da sociedade.

Esse fato demonstra que os bibliotecários precisam desenvolver competências informacionais, ou seja, serem competentes na sociedade da informação. Para isso, precisam aprender a aprender, o que envolve, conforme Kuhlthau (1999 *apud* Farias; Varela, 2013): habilidade de aprender em situações dinâmicas, onde a informação está em constante mudança; habilidade de gerenciar grande quantidade de informação, quando a determinação do que significa informação suficiente é tão importante quanto localizar e selecionar informação relevante; habilidade de encontrar significado por meio da produção de sentido em mensagens diversas e numerosas, que geralmente não se encontram organizadas previamente em textos; e por fim, habilidade de construir um entendimento próprio a partir de informação incompatível e inconsistente.

Para atuar em bibliotecas especializadas em música, o bibliotecário deve desenvolver competências informacionais pautadas no conhecer bem os métodos, técnicas e estratégias de busca, os canais e fontes de informação, recuperação e acesso à informação e às suas fontes especializadas. Além de gostar de música, conhecer profundamente a história, o repertório dos principais cantores e grupos musicais nacionais e internacionais, e o acervo de música disponibilizado na unidade de informação, como partituras, cantores, grupos musicais nacionais e internacionais, estilos musicais. Ademais, esse profissional deve estar sempre atento com as transformações que ocorrem ligadas às tecnologias de comunicação e informação, observando o que há de mais atual a ser utilizado em benefício do usuário.

Referências

- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Report of the Presidential Committee on information literacy**: Final report. 10/01/1989. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/nili/ilit1st.html>>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- ARMS, W. **Digital Libraries**, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 2000.
- ARAÚJO, Samuel. Características e papéis dos acervos etnomusicológicos em perspectiva histórica. In: ARAÚJO, Samuel; PAZ, Gaspar; CAMBRIS, Vincenzo (Orgs.). **Música em debate**: perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: Mauad, FAPERJ, 2008. p. 33-42.
- ASHWORTH, Wilfred. **Manual de bibliotecas especializadas e de serviços informativos**. Lisboa: Calouste Gilbenkian, 1967.
- ASSUNÇÃO, Maria Clara Rabanal da Silva. **Catálogo de documentos musicais escritos**: uma abordagem à luz da evolução normativa. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Documentais) – Universidade de Évora, Lisboa, 2005, v.2.
- _____. **Uma bibliotecária na Área de Música da Biblioteca Nacional de Portugal**: Um testemunho na primeira pessoa. 2007. Disponível em: <<http://www.zafalon.eti.br>>. Acesso em 12 de maio 2014.

- BARROS, Camila Monteiro. **Representação da Informação Musical: subsídios para a recuperação da informação em registros sonoros e partituras no contexto educacional e de pesquisa.** 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2012.
- BRANDÃO, Hugo P. **Gestão baseada nas competências: um estudo sobre competências profissionais na indústria bancária.** 1999. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 1999. 158 p.
- CASTRO, Beatriz Magalhães; CRUZ, Fernando. Biblioteca Digital Brasileira em Música (BDB-MuS): perspectivas para um dimensionamento multidisciplinar em ciência e tecnologia da informação para a pesquisa musicológica no Brasil. In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música, XVI, **Anais...** Brasília, 2006.
- CATARINO, Maria Elizabete. ; BAPTISTA, Ana Alice. Folksonomia um novo conceito para a organização dos recursos digitais na Web. **Data Gramma Zero**, v.8, n.3 jun. 2007. Disponível em <http://www.dgz.org.br/jun07/F_I_art.htm>. Acesso em 20/01/2014.
- CEZARINO, Maria A. da Nóbrega. Bibliotecas especializadas, centros de documentação, centros de análise da informação: apenas uma questão de terminologia? **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.7, n. 2, p. 218-241, set./1978.
- CRUZ, A. da C. **Representação descritiva de documentos: estudos de iniciação.** Rio de Janeiro: FEBAB, 1994. 162 p.
- CRUZ, Fernando William Cruz. **Necessidades de informação musical de usuários não especializados.** 2008. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2008.
- DICIONÁRIO GROVE DE MÚSICA. **Edição concisa.** Editado por Stanley Sadie. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- ESCOLA DE MÚSICA. **História da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia.** 2014. Disponível em: <<http://www.escolademusica.ufba.br/historia>>. Acesso em: 19 julho 2014.
- FARIAS, M. G. G.; VARELA, A. V. Desenvolvimento de competências informacionais em moradores de uma comunidade popular urbana. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XIII Enancib, 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Rio de Janeiro: PPGICS/ICICT/FIOCRUZ, v. 1, p. 1-17, 2012.

- FERREIRA, N. S. A. **A pesquisa sobre leitura no Brasil, 1980-2000**. Campinas: Komeid: Arte e Escrita, 2001.
- FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Novos paradigmas da informação e novas percepções do usuário. **Ciência da informação**, Brasília, v. 25, n. 2, p.217-223. maio/ago. 1996.
- FIGUEIREDO, Nice. Serviços oferecidos por bibliotecas especializadas: uma revisão de literatura. **Revista de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo. v.11, n. 3/4, p. 155-168. jul/dez. 1978.
- FLEURY, A.; FLEURY, M. T. L. **Estratégias empresariais e formação de competências: um quebra-cabeça caleidoscópico da indústria brasileira**. 2. ed. São Paulo : Atlas, 2001. 169 p.
- GUINCHAT, C.; MENOU, Michel. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. Brasília: IBICT, 1994.
- LITTON, Gaston. **La Biblioteca Especializada**. Buenos Aires: Bowker, c1974.
- LOPES, Janete da S. et. ai. Biblioteca de empresa com função educacional social e cultural. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 5, n. 2, p. 669-683, jul./dez. 1977.
- IRIGOIN, M.; VARGAS, F. **Competencia Laboral: Manual de conceptos métodos y aplicaciones en el sector salud**. Cinterfor-OPS, Montevideo, 2002.
- IAZZETTA, Fernando; KON, Fabio. A música efêmera na Internet. Anais do V Simpósio Brasileiro de Computação e Música. Belo Horizonte, agosto de 1998 – Sociedade Brasileira de Computação, 69-81. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/iazzetta/papers/anppom98.pdf>>. Acesso em 17/01/2014.
- LEITÃO, Débora Sampaio. **A competência informacional em pesquisa no contexto digital: um estudo de caso sobre o sistema de bibliotecas da Universidade Federal da Bahia**. (Mestrado em Ciência da Informação). Instituto de Ciências da Informação da Universidade Federal da Bahia, 2016.
- MASSENET, J. **Meditação de Thais**. 1 partitura. Disponível em: <<http://www.elatril.com/partituras/Massenet/Meditation%20For%20Violin%20And%20Piano.pdf>>. Acesso em: fev.2013.
- MATOS, Alexandra Linda Herbst. **Documentação musical: discussão sobre a representação temática de partituras a partir de um enfoque interdisciplinar**. 2007. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

- MED, Bohumil. **Teoria da Música**. 4. ed. rev e ampl. Brasília, DF: Musimed, 1996.
- MEY, Eliane Serrão Alves. **Introdução à catalogação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.
- MEGHNAGI, S. A competência profissional como tema de pesquisa. **Educação e Sociedade**, ano 19, n. 64. p.50-86, 1998.
- MICHELS, Ulrich. **Atlas de música**. Trad. Leon Mames. Madrid: Alianza Editorial, 2002. v.1 e 2.
- MIRANDA, Antônio; LEITE, Cecília; SUAIDEN, Emir. A biblioteca híbrida na estratégia da inclusão digital na Biblioteca Nacional de Brasília. **Inclusão Social**, Brasília, v.3, n.1, p. 17-23 out. 2007/mar. 2008. Disponível em: <http://antoniomiranda.com.br/ciencia_informacao/biblioteca_hibrida.html> Acesso em: 09 out. 2013.
- MÜELLER, Suzana Pinheiro Machado. Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v.17, n.1, p.63- 70, jan./jun. 1989.
- O'REILLY, Tim. **O que é Web 2.0**: Padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software. 30 set. 2005. Disponível em: <<http://www.cipedya.com/doc/102010>>. Acesso em: 09 out. 2013.
- PACHECO, Kátia Lúcia. **Manifestação de obras musicais**: o uso do título uniforme. 2009. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- PONJUÁN DANTE, Glória. Perfil del profesional de información del nuevo milenio. In: VALENTIM, Marta Lúcia (Org.). **Profissionais da informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000, p.91-105.
- RÊGO, Leylane Michelle Vieira; AGUIAR, Virginia Bárbara. Música, cultura e informação: preservação do acervo musical alagoano. **Biblionline**, João Pessoa, v. 2, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/616/453>>. Acesso em: 09 out. 2013.
- SAMPAIO, José João; MONIZ, António Brandão. Qualificação e Competência num sistema Complexo de Trabalho: o caso dos serviços de controle de tráfego aéreo. In: CONGRESSO ASTUR-GALAICO DE SOCIOLOGIA, 4., Lisboa, 2007. **Anais eletrônicos...** Lisboa, Universidade Nova Lisboa,

2007. Disponível em: <file:///C:/Users/FAMILIA/Downloads/21_Sampaio_e_Moniz_Qualificacao_e_competencia_profissional_nun_sistema_complexo_de_trabalho.pdf>. Acesso em: 14 abril 2014.
- SANTINI, Rose M.; SOUZA, Rosali F. Recuperação da Informação de Música e a Ciência da Informação: tendências e desafios de pesquisa. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, VIII, 2007. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT2--143.pdf>. Acesso em 22/01/2014.
- SILVA, Fabiano Corrêa da. **Bibliotecário especialista**: guia de especialidades e recursos informacionais. Brasília: Thesaurus, 2005.
- SILVEIRA, Fabricio José Nascimento da. O Bibliotecário como agente histórico: do “humanista” ao “Moderno Profissional da Informação”. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.18, n.3, p. 83-94, set./dez. 2008.
- TAME, David. **O poder oculto da música**: um estudo sobre a influência da música sobre o homem e sobre a sociedade, desde o tempo das antigas civilizações até o presente. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1984.
- TEOTÔNIO, Mara Karoline Lins. **Necessidades de informação musical dos alunos e professores da Escola de Música de Brasília**. 2012. (Mestrado em Ciência da Informação). Faculdade de Ciência da Informação. Brasília, 2012.
- VALENTIM, Marta Lígia Pomin. Formação: competências e habilidades do profissional da informação. In: VALENTIM, Marta Lígia (Org.). *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002, p.117-132.
- VOLPATO, Silvia Maria Berté. A trajetória de uma Biblioteca Especializada: o caso da Biblioteca do curso de pós-graduação em administração da UFSC. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis, ano 2, n. 4, set. 2000. Disponível em:<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/8055/7438>> Acesso em dez. 2013.
- VARELA, A. V.; BARBOSA, M. L. A. Aplicação de teorias cognitivas no tratamento da informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v.3, n.2, p.116-128, jul./dez. 2007. Disponível em:<<http://www.febab.org.br/rbbd/ojs-2.1.1/index.php/rbbd/article/viewFile/65/56>>. Acesso em: 09 out. 2013.
- ZARIFIAN, Philippe. **Objetivo competência**: por uma nova lógica. Trad Maria Helena C. V. Trylinski. São Paulo: Atlas, 2001. 197 p.

